**Os restos da ditadura em tempos de Covid 19.**

**Mriam Debieux Rosa (Facebook 31 de março de 2020)**

Que tempos são esses em que passado e presente se misturam, que ameaças de tempos longínquos nos assombram, nos arrancando do que, bem ou mal, era a nossa vida e deixam em suspenso nosso futuro?

Estamos em luto, mais uma vez, pela longa ditadura implantada em 1964 e formalmente encerrada em 1985. Luto pelos perseguidos, torturados e mortos e também pela anistia aplicada aos algozes e torturadores – os crimes contra a humanidades não foram apurados, punidos, registrados como história para não se repetir. Luto porque não podemos celebrar o seu fim dado que os restos da ditadura ficaram presentes e vivos, parcialmente ocultados e indiretamente aprovados, nas práticas da política e da polícia, no modo que se governa grande parte da população pobre e negra das periferias - nossa democracia não se estende aos rincões do pais.

Tal ocultação parcial se rompeu na crise e polarização política desencadeada desde o golpe da Dilma e a eleição do atual presidente. Para além das críticas às democracias representativas, emergiu a face retrógrada presente na sociedade brasileira que pretende manter seus privilégios e tolera, quando não elogia, a ditadura e seus métodos de perseguição e tortura, o patriarcado e controle das mulheres e da sexualidade e práticas de opressão e racismos semelhantes às da escravatura.

Eis que nos vemos às voltas com um salvador da pátria, pai/patrão/monarca totalitário que veio para, mais uma vez na nossa história, limpar o pais da corrupção dos outros enquanto seu próprio grupo a pratica, que promete limpar os pecados do mundo, que abole as ciências e o pensamento histórico e crítico, atacando as escolas, as universidades, os alunos, professores, pesquisadores, as maiorias, as minorias, que despreza e desconhece os saberes e potencialidades da comunidade, as questões das minorias, do meio ambiente, a história, as análises sociais e políticas.

Ele orquestra a gestão política do país sustentando a lógica da guerra, em detrimento da concepção de uma governança para e com a sociedade, levando em conta o reconhecimento recíproco e os direitos de liberdade e igualdade. A lógica da guerra substitui a alteridade pelo estrangeiro-inimigo interno, responsabilizado pelos males sociais. A lógica paranoica casa-se com o gozo narcísico e impõe que não haja partilha dos bens comuns, que sejam privatizados. Em nome do bem, sob a capa do ressentimento, e autorizados a odiar, esteira libidinal primaria para resolver os problemas, elimina o inimigo e aqueles que ousam pensar e desejar novos mundos e amores, o mal, equívoco que torna grande parte da população alvo de intolerâncias, racismos e violências.

Nesse contexto, chegamos ao Covid 19 que nos aproxima aos tempos da peste que se propaga rapidamente e diante do qual não há remédio. A defesa possível para minorar a destruição será isolar-se em condições específicas de higiene, incrementar serviços de saúde, promover formas de sustento para todos que precisarem ficar fora do trabalho. O pais “descobre” que parte imensa da população não tem água encanada e esgoto, que mora em condições precárias e não tem condições de atender as medidas de proteção. Descobre seu velho e fraco governante que busca tirar proveito da pandemia destacando que vai matar apenas os velhos, pobres e doentes, os descartáveis.

Isso posto, mais além do lamento, nesse 31 de março que nos lembra o que vivemos na ditadura, temos oportunidade de levar a cabo a tarefa de retomar a concepção de cidadania, ou, como nomeia Rancière, a noção de um povo, com consensos e dissensos, mas em uma subjetivação coletiva em que todas as pessoas, juntas, construam um projeto de país. Almejamos que aproveitemos a oportunidade para descartar os déspotas e, diante do terrível, possamos enfim, nos tornar uma nação para todos.

Miriam Debieux Rosa

Ao modo desse cartaz nas paredes de um restaurante francês que diz: O cliente é um rei!!



A imagem da guilhotina lembra o cliente/rei dos destinos daqueles que se arvoraram reis na revolução francesa.

**Viva a Republica**!

Miriam Debieux Rosa